

humanitas



Vol. LXII
2010

RODRIGUES, Ália Rosa, JESUS, C. Martins, LOPES, Rodolfo, *Intervenientes, Discussão e Entretenimento No Banquete de Plutarco*, Classica Digitalia/Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2010, 139 pp.

Este livro é uma obra de três autores, cada um com a sua forma particular de expressão e manifesto interesse numa matéria específica, que pretende ser lida como uma unidade.

Quaestiones Convivales (QC) é o nome latino de *Symposiaká*, traduzido como *No Banquete*. A mesma editora Classica Digitalia publicou, em 2008, a tradução de 4 dos 9 livros que compõem este tratado de Plutarco (que sairá, portanto, em dois volumes), fazendo os autores deste livro em recensão parte da equipa de tradutores: Rodolfo Lopes, responsável pelo Livro I, Carlos A. Martins de Jesus, responsável pelo Livro IV (e futuramente pelo VI), e Ália Rosa Rodrigues pelo futuro Livro VII.

A «Parte I – *Como Consoantes entre Vogais*. Os participantes das *QC*» é assinada por Ália Rosa Rodrigues e, tal como as partes dos outros autores, é subdividida em dois capítulos com objectos de estudo distintos, tornando-se, na realidade, dois artigos diferentes: o primeiro trata de «Os convidados de Plutarco nas *QC*» (pp.15-32) e o segundo dos que não foram convidados (pp.32-52), ou seja, as mulheres. Portanto, o título desta Parte I, ao citar o livro I das *QC*, 613E (a tradução é a mencionada atrás e o itálico meu) «E se estiverem presentes alguns ignorantes no meio de muitos instruídos, envolvidos que estão *como consoantes entre vogais*, compartilharão um som não de todo desarticulado e confluyente», remete maioritariamente para a intenção da autora, que se propõe analisar catorze (apesar de a nomeação da p.18 ser um pouco confusa) das mais de setenta personagens que surgem nas *QC*, baseando a sua escolha no facto de a participação em três ou mais diálogos poder demonstrar uma maior importância em relação às restantes, assim como confirmar «a própria natureza do banquete (): evitar reunir convidados de carácter semelhante ou especialistas da mesma área, uma tarefa a cargo do anfitrião» (p.31).

O segundo capítulo assinado por ARR é, segundo a autora, uma reformulação (p.32, n.9) de um artigo²⁶ publicado no já referido volume de

²⁶ Este capítulo é quase uma tradução do referido artigo, que está originalmente em inglês, à qual se fizeram ajustamentos que deverão ser revistos, tais como a tradução, na p.39, de *propinquorum* por «relativos» (do inglês «relatives»), em vez de «parentes».

José Ribeiro Ferreira 2009, estando o seu propósito indicado na p.34: «eis o objectivo deste estudo: analisar o tratamento da mulher nestes *symposia*». Deste modo, e na impossibilidade de analisar todas as personagens das *QC* e feita a selecção no capítulo anterior, aqui discorre sobre as grandes ausentes – as mulheres – passando pela tradição grega (quer a misógina quer a igualitária *q.b.*), pela romana e pela cristã, esta última como limiar de um novo paradigma. A boa selecção de textos antigos e de ensaios contemporâneos que tratam desta matéria permite aos mais interessados aprofundarem o seu estudo.

Um senão diz respeito a algumas das decisões de citação, cujo critério não é facilmente apreendido, dado que umas vezes inclui palavras no original grego, no corpo do texto, sem tradução (como nas pp.21 e 32. No primeiro parágrafo da p.27, é todo um título de um tratado perdido que surge apenas em grego), outras vezes com tradução (como nas pp.16 ou no último parágrafo da p.27); umas vezes cita tradução entre aspas e grego entre parênteses (p.42), outras translitera, em itálico (p.41); umas vezes refere conceitos apenas em grego (p.32), outras em itálico (p.25). No entanto, estes e outros pequenos lapsos e opções²⁷ poderão ser facilmente corrigidos e/ou explicados numa nova edição (o que não deverá ser difícil, visto que tem a vantagem de ser electrónica).

A «Parte II – A Comunhão do *Logos*» (pp.55-85), assinada por Rodolfo Lopes, poderia ter o mesmo título da anterior («*Como Consoantes entre Vogais*»), visto ser essa uma das tónicas em que Plutarco toca, ao promover a diversidade de simposiastas com vista a uma harmonia proporcionada pelo *logos* e pelo vinho (p.68).

Depois de uma breve e esclarecedora introdução ao banquete como espaço convivial e, progressivamente, de discussão dialéctica, RL introduz o tema que lhe interessa: «A Filosofia nas *QC*», mais precisamente, «saber como as *QC* se inscrevem (ou podem inscrever-se) na linha do banquete filosófico» (p.60). Para isso, ilustra com três indícios: a intenção do autor,

²⁷ Seguem alguns exemplos de possíveis futuras correcções: nos passos citados na p. 27, Aristóteles só refere *gymnasias* e não *zeteseos*. A chamada da nota deveria estar na primeira palavra; na p. 32, a página de Fialho et alii 2001 é a 11 e não a 10; na p. 34 cita este mesmo livro (indica em nota), mas não põe aspas nas palavras que usa *ipsis verbis*; na p. 35, opta pela forma *Hipatia* (adoptada em língua espanhola), em detrimento do português *Hipácia* (registada, sem variação, por Rebelo Gonçalves, no *Vocabulário da Língua Portuguesa*, editado em Coimbra, em 1966, e por M. H. Prieto, no *Índice dos Nomes Próprios Gregos e Latinos*, editado em Lisboa, em 1995).

as exigências éticas e o facto de a filosofia ser tema de discussão. Querendo Plutarco demonstrar como os *problemata* podem ser discutidos por todos, independentemente do tipo de participante nos convívios, apresenta o vinho como elemento «catalisador das capacidades discursivas» (p.65), surgindo o *logos* com dupla acepção: racionalidade disciplinadora e discurso racional, conducente à filantropia e ao fortalecimento dos laços de amizade (p.67), fazendo da filosofia «uma medicina da alma» (p.73). RL defende que há uma «compatibilidade e interdependência» entre *logos*, vinho e *ergon* (o «correlato factual» do *logos*, como definido na p.72), filiando a resolução de aporias na tradição de Platão e Aristóteles. Plutarco, sendo platonista, tem em consideração as teorias dos peripatéticos, dos pitagóricos e dos estóicos, e é, na verdade, um dos mais importantes nomes do Médio-Platonismo, como bem afirma o autor (p.78).

O segundo capítulo desta parte, igualmente bem estruturado, intitula-se «Um esboço de cosmologia» e pretende definir quais as concepções (normalmente assumidas pela personagem com o mesmo nome ou por «um familiar próximo ou amigo» – p.80) que Plutarco tem da cosmologia. Ficamos à espera que Rodolfo Lopes nos presenteie em breve com o aprofundamento que promete.

A «Parte III. *Sympotika*. Entretenimento no banquete plutarquiano» é assinada por Carlos A. Martins de Jesus. O envolvimento deste autor com o teatro é conhecido, principalmente no grupo Thíasos, onde tem exercido várias funções, quer na direcção, quer como consultor, tradutor, encenador ou actor. Daí que a escolha da exploração desta temática esteja na mão de um conhecedor desta arte *in situ*.

A análise que Carlos de Jesus faz no primeiro capítulo («Teatro no *symposion* ou o teatro do *symposion*») passa por ver as analogias entre o espaço do banquete e o espaço teatral, confirmando a tradição grega, na qual este «ainda que sob formas mais simplificadas, era parte integrante» daquele (p.95). E se a divisão dos diálogos de Platão em narrativos, dramáticos e mistos não é do agrado de Plutarco (nem se confirma que alguma vez tenham sido assim considerados), se a tragédia não é adequada ao ambiente vivido nestes encontros, já o estilo da Comédia Nova de Menandro, porque moral e ética, mais moderada e agradável (nos temas e na linguagem) que a Comédia Antiga (cujas críticas se aplicam igualmente aos mimos), faz, justamente, parte dos banquetes.

O segundo capítulo, «Um pezinho de dança com Plutarco», introduz outro elemento constante nestes convívios: a dança (à maneira grega,

testemunhada na literatura e na arte), que entra no banquete, não só como actuação, mas também como tema de discussão. Plutarco atribui a Simónides o espírito da máxima horaciana *ut pictura poiesis* (*Ars Poetica*, 361), acrescentando ao grupo a dança, pois são todas imitação da vida. Um capítulo com boa documentação e dose de discussão sobre a dança na antiguidade.

A bibliografia²⁸ final abrange as três partes em que o livro está dividido e demonstra um conhecimento do que se faz de mais recente sobre o assunto: cerca de 80% das 100 publicações listadas situam-se entre 1980 e 2009, sendo mais de 30% da década de 2000, destacando-se, no ano de 2009, os artigos incluídos no volume editado por José Ribeiro Ferreira, *Symposium and Philanthropia in Plutarch* (*Classica Digitalia, Humanitas Supplementum*).

Entre as páginas I e VIII encontra-se o prefácio de Aurelio Pérez Jiménez (professor catedrático de Filologia Clássica na Universidade de Málaga, Espanha), que faz uma clara apreciação da obra e a sua leitura não deve ser negligenciada por quem quiser ficar com outra ideia da qualidade do material escrito.

ADRIANA FREIRE NOGUEIRA

SANTA BÁRBARA, Maria Leonor *et all* (Org.): *Identidade e Cidadania – da Antiguidade aos nossos dias*. Actas de Congresso Vol. I (Porto, Papiro Editora, 2010) 546 p. ISBN: 978-989-636-493-9

A obra “Identidade e Cidadania – Da Antiguidade aos nossos dias” reúne os textos de comunicações apresentadas no Congresso Internacional que teve lugar, entre os dias 18 e 21 de Outubro de 2006, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com a organização do grupo de Estudos da Antiguidade do Centro de História de Sociedade e Cultura (UNL). Propõe, tal como o congresso que lhe deu origem, variados estudos sobre os conceitos de Identidade e Cidadania vigentes nos dias de hoje, evocando a antiguidade como precursora e, em casos muito concretos, inspiradora destes. Não pretende ser um estudo

²⁸ Numa revisão da edição, merecia a correcção da alfabetização dos títulos, pois todo o G está depois do H e Pordomingo depois de Roller. A inclusão da tradução usada (a dos *Classica Digitalia*, colecção Autores Gregos e Latinos – Série Textos, nº 4, 2008), que nunca é mencionada, bem como a edição usada para o texto grego, que deduzimos ser o estabelecido por C. Hubert, para a Teubner.